

DEU PANO PRA MANGA¹: A IMPORTÂNCIA DO RESGATE DAS HISTÓRIAS FEMININAS PELA EDUCAÇÃO POPULAR

Ana Cláudia Magnani Delle PIAGGE (Ana MAGNANI)
Doutoranda em Educação – UNESP/Araraquara
anaclmagnani@gmail.com

Resumo: Este texto veio-me certa manhã, quando olhei para o espelho e me deparei com meu rosto cansado das cobranças diárias, os olhos perdidos diante do adoecimento da minha mãe, a cor da pele apagada pela falta de tempo para mim mesma. Dei por falta das marcas que pudessem ser produzidas pelas risadas sem limites, das rugas por franzir os olhos nos momentos de encantamento e certo avermelhado pelo excesso de energia despendida ao dançar até os limites do corpo. Antes, me deparo com as marcas de um cotidiano enquadrado, limitado e adequado. Esse ensaio, portanto, torna-se um fragmento da minha história, mas também da história de tantas outras mulheres, e se fragmenta em um Trabalho de Conclusão de Curso para a Pós-graduação “Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos”, que teve como pergunta suleadora: O que podemos fazer por nós mesmos? É também um (re)início para uma caminhada que buscou (e ainda busca) perceber e resgatar o modo como uma educação popular e, principalmente, no âmbito de um protagonismo feminino e feminista, pode contribuir para firmar raízes profundas na história pessoal de quem as vive e oportunizar uma ampliação do olhar para as questões de gênero e sexuais que, ainda hoje, oprimem a pluralidade de corpos femininos existentes. Busco com essa escrita refletir sobre a importância do resgate das memórias nos saberes populares femininos e a influência dessas para a emancipação das mulheres no mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Educação popular; Ancestralidade feminina; Saberes populares; Meninas.

Abstract: This text came to me one morning, when I looked in the mirror and saw my face tired of the daily demands, my eyes lost in the face of my mother's illness, the color of my skin dulled by the lack of time for myself. I missed the marks that could be produced by unlimited laughter, the wrinkles from crinkling my eyes in moments of enchantment and a certain reddening from the excess energy expended in dancing to the limits of my body. Before, I come across the marks of a framed, limited and adequate daily life. This essay, therefore, becomes a fragment of my story, but also of the stories of so many other women, and is fragmented into a Postgraduate Course Conclusion Paper “Popular knowledge for art and education in the experiences of Carroça de Mamulengos”, which had as its guiding question: What can we do for ourselves? It is also a (re)beginning of a journey that sought (and still seeks), to understand and rescue the way in which popular education, and especially within the scope of female and feminist protagonism, can contribute to establishing deep roots in the personal history of who lives them and provide opportunities for a broader view of gender and sexual issues that, even today, oppress the plurality of

¹ O título “Deu pano pra manga” resgata um saber popular sobre a importância da delicadeza no resgate das memórias. Tal como coletar uma manga com um pedaço de tecido é importante para não machucá-la, essa escrita reflete sobre como é relevante coletar as nossas Hhistórias ancestrais com delicadeza para não feri-las, antes, como forma de acolhe-las para (RE)significá-las, (RE)escrevendo uma nova Hhistória.

existing female bodies. With this writing, I seek to reflect on the importance of recovering memories in popular female knowledge and their influence on the emancipation of women in the contemporary world.

Keywords: Popular education; Female ancestry; Popular knowledge; Girls.

Bilhete de início

Querida Schirley², gostaria que soubesse quanto a sua presença ainda está sendo importante em um momento crucial da minha vida. Sua existência, enquanto mulher e mãe, mas, mais que isso, como matriarca da família estendida Carroça de Mamulengos³, fortalece meus passos vacilantes para atravessar esse momento.

Agradecida!

Ana Magnani

A qualidade da luz sob a qual analisamos nossa vida tem efeito direto na forma como vivemos, nos resultados obtidos e nas mudanças que desejamos provocar por meio de nossa vida (Lorde, 2019, p. 45).

Paramos⁴ o nosso percurso e respiramos profundamente.

Ah! O ar...

Incomoda-nos a percepção de que, de uns tempos para cá, temos caminhado tão no automático que nem percebemos o movimento do ar adentrando o nosso corpo.

Respiramos novamente. Profundamente!

O corpo se expande, convidando cada molécula desse ar novo a invadir as células e renová-las.

Sentimo-nos à vontade. A sensação é a de que estamos chegando aonde deveríamos estar nesse momento ou, talvez devamos dizer, chegando ao início, ao começo de um novo e tão antigo percurso.

² Schirley Pinheiro França é co-fundadora e dedicada à formação e manutenção da Carroça de Mamulengos. É brincante, artesã, pedagoga e minha orientadora no TCC para a Pós-graduação "Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos".

³ A Carroça de Mamulengos foi criada em Brasília em 1977 pelo bonequeiro Carlos Gomide. Em 1982, a atriz Schirley P. França integrou a companhia e tornaram-se a família Gomide França. Schirley e Carlos tiveram oito filhos: Maria, Antônio, Francisco, João, os gêmeos Pedro e Matheus, e as gêmeas Isabel e Luzia, cada filho nasceu em um lugar diferente devido à itinerância artística da companhia.

⁴ Nesse trabalho, utilizo o recurso da escrita em sua forma de coletivo por compreender que, mesmo que algumas experiências se passem no espaço da minha corporeidade, sou o resultado das muitas outras mulheres que vieram antes de mim, das que hoje escrevem esse texto comigo e das que o leem. Eu sou hoje, o resultado das lutas, dos afetos, da resistência de tantas mulheres. Cada vez que respiro, respiramos todas!

Descalçamos lentamente as sandálias para pôr o pé no chão e nos aterrar ao lugar de origem de tantos saberes; sentimos que o nosso pé procura por brechas no chão de terra batida, socada por pés de dançadeiras e cantadeiras, para penetrar nele nossas novas e tão ancestrais raízes educandeiras.

Raízes educandeiras porque se iniciam ouvindo as Hhistórias⁵ que mamãe contava e que ouvira da avó, que lhe foi contada e cantada por sua mãe, que ouvira de uma tia, de outra, de outra e de uma outra mulher ancestral. E nesse nosso processo de abertura para a escuta descobrimos que nós também podemos e devemos (RE)contá-las; para que as Hhistórias das mulheres não se percam, para que as Hhistórias dessas mulheres ganhem rosto.

Rostos não nomeados pela (ainda) quase inexistente Hhistória das Mulheres presentes nos livros de História utilizados nas/pelas escolas; livros estes que não narram as Hhistórias das mulheres que carregam a cesta que tantas outras foram recheando com as suas muitas e diversas vivências. Hhistórias colhidas e transportadas pelos corpos de tantas gerações; como quem carrega flores e galhos e ervas e pedras e pedaços que recolhe pelo caminho, retendo e espalhando cheiros, fragrâncias, cores, poeiras, rastros...

Mamãe teve o cuidado de nos educar, desde muito cedo, para a importância do resgate, do REcontar⁶, do REsignificar as Hhistórias; porque somos mulheres, dizia ela. E completava: *nós, as mulheres, carregamos em nossas pesadas vidas, muitas e múltiplas narrativas*. Relatos que foram sendo acumulados e poucos significados. Descrições povoadas por pessoas que vivenciam a vida que acontece.

Assim, nos dedicamos a uma busca por nossas Hhistórias femininas ancestrais e percebemos como é difícil encontrar e saber de que mulheres as narrativas diziam; pois, poucas foram as mulheres que deixaram seus nomes marcados nos livros e nos registros. Nada as nomeia, tornando um trabalho árduo e, muitas vezes, infrutífero, associar uma narrativa a um rosto. Ouvimos, nos círculos familiares, entre as mulheres da família, Hhistórias comuns de objetos ou ações do cotidiano de algumas ancestrais, no formato de uma receita transmitida, uma gargalhada engolida, uma cura ou uma reza disseminada, um caso engraçado, uma resistência, uma historieta triste, um modo de fazer uma arte-manual⁷. Mas os nomes se perdem com o tempo.

⁵ Hhistórias, nesse trabalho, será sempre grafado com o “H” maiúsculo e “h” minúsculo por compreendermos com a cacica Katia Akrāntikatêgê (2022, não paginado), de Marabá, no Pará, que [...] a nossa Hhistória, a história com “H” maiúsculo e minúsculo, é a Hhistória da realidade do que vivemos”.

⁶ Nesse ensaio buscamos, através da utilização do recurso caixa alta no sufixo RE, enfatizar a necessidade que sentimos, como mulheres, de estarmos sempre repetindo e reforçando as ações realizadas, buscando, assim, validá-las.

⁷ Utilizamos o recurso do hífen almejando a união entre as palavras, mas mais do que isso, buscando expressar a tensão existente no entre, lugar no qual inexistem as polaridades, espaço para as possibilidades, amplitudes, devires. Como nos explica Sofia Amorim (2021, p. 27), “pesquisar hífen é entrar nas forças que nos compõem, um modo de enfrentamento a um mundo que tende a apequenar as rotas invisíveis traçadas pela firmeza de quem compõe vida como fios”.

Tecendo novas teias de vida para as meninas-mulheres a partir das escolas

Le Guin (1989, p.1-2) irá nos dizer de como,

É difícil contar uma história realmente emocionante de como arranquei uma semente de aveia selvagem da casca, e depois mais uma, e mais outra e depois mais uma, e então cocei minhas picadas de mosquito, e ouvi minha filha dizer algo engraçado, e de como fomos ao riacho, bebemos um pouco de água e observamos as salamandras por um tempo, até eu encontrar outro campo de cereais... Não, não se compara, essa minha história não consegue competir com aquela que narra o modo como enfiei minha lança profundamente no titânico flanco peludo enquanto minha filha, empalada por uma enorme presa, se contorcia gritando, com o sangue jorrando por toda parte em torrentes carmesins, e como um outro filho foi esmagado como geleia quando um mamute caiu sobre ele, enquanto eu atirava minha infalível flecha diretamente em seu cérebro através de seu olho.

As histórias dos homens podem ser facilmente encontradas e REconhecidas, pois estão registradas de forma escrita, transformadas em histórias oficiais. Histórias “reais”. Esse modo de transmissão escrita produz em quem a acessa o efeito de verdade; de estar acessando um conteúdo transmitido sempre com o mesmo formato e, por conta da manutenção de sua forma, usufruir de uma maior veracidade.

Além disso, por meio da escrita, a história assume materialidade, conferindo a seu ator, reconhecimento. Existe maior dificuldade em questionar fatos que se encontram inscritos somente na corporeidade dos sujeitos, pois sem a escrita perde-se o efeito de veracidade⁸, próprio as histórias registradas.

Observem que, através do ato de registro e transmissão, se produz uma autorização discursiva para o que pode ou não pode ser considerado verdadeiro. A escrita detém, na sociedade ocidentalizada, o poder de real. Mantendo um grupo social superior a outro.

O estabelecimento de uma “verdade” a ser aprendida e apreendida por meio da educação formal foi um dos grandes mecanismos instituídos pela Modernidade, para o fortalecimento de um modelo-mundo colonial-patriarcal.

Dessa forma, as narrativas escritas aprisionam as mulheres do lado de fora da História “oficial”. Fazendo com que as mulheres, como um grupo oprimido, habitem as margens da História, sem perceber que a margem é o espaço no qual circulam as tensões e, principalmente, as resistências.

As Histórias escritas e transmitidas por meio do modelo de escola colonial-moderno-patriarcal, possibilitam aos homens serem nomeados e reconhecidos, mantendo-os no poder. Esse é um processo significativo para a manutenção da História social de um grupo específico de pessoas.

Essas Histórias possibilitam a esse coletivo se identificar e dizer de um pertencimento

⁸ Análise desenvolvida a partir da noção de verdade pensada com Michel Foucault (2013) e Hannah Arendt (2011).

e um reconhecimento. A História recontada, muitas vezes, transforma-os em heróis; em pessoas significativas para um contexto histórico-social, perpetuando-os no poder.

Perguntamos: - E as mulheres e suas Hhistórias cotidianas que cabem em uma cesta; suas Hhistórias não têm importância na constituição e na manutenção de uma sociedade? Por que essas Hhistórias, produzidas por mulheres, continuam a ser sistematicamente desqualificadas? A quem interessa a invisibilização dessas Hhistórias cotidianas?

Consideramos que nessas indagações reside a pedra-chave⁹ para a sustentação de um modelo-mundo que subalterniza e violenta mulheres cotidianamente. Por esse motivo devemos, com cuidado, nos debruçar sobre elas e interpelá-las.

Notem! Nós, mulheres, somos a maioria da população¹⁰ e, ainda assim, continuamos encontrando dificuldade em mover as estruturas para ter os mesmos direitos que os homens. Será que o nó desse problema não se encontra na manutenção de uma História única por parte da escola e ao modo como, culturalmente, somos educadas/os a DESconsiderar as Hhistórias das mulheres, por serem “normais” e “sem valor” para a constituição e manutenção de uma sociedade?

Compreendemos, com isso, que a nossa busca por uma sociedade mais igualitária depende de outra relação com o que é considerado significativo para ser transmitido pela escola. Quais conteúdos históricos são realmente relevantes e de que modo a manutenção de uma história única patriarcal mantém as estruturas hierárquicas, acirrando os conflitos e as violências de gênero?

O conteúdo histórico oferecido as/aos alunas/os tem potência para mudar uma sociedade, mas para que isso efetivamente aconteça, esses devem desvelar a multiplicidade de Hhistórias existentes articulada a uma práxis emancipatória por parte das/os professoras/es que, oferecendo no mesmo espaço-tempo escuta e diálogo, pode ressignificar as Hhistórias vivenciadas por mulheres, tornando-as significativas para todo o contexto histórico-social.

Refletindo acerca de uma educação popular tal como almejavam Freire (1996; 2018) e Hooks (2017), compreendemos que essa práxis somente poderá se tornar emancipatória para as mulheres se estas atuarem no enfrentamento das práticas de ensino que reforçam a dominação masculina nos conteúdos escolares, ou melhor, praticando uma educação que produza encantamento e “transforme os/as sujeitos/as com novas ideias, valores e crenças” (Hooks, 2017, p. 11).

Desse modo, neste texto, objetivamos refletir acerca de uma outra possibilidade de relação com as Hhistórias, que possibilite às novas gerações de pessoas se inspirarem, REconhecendo as trajetórias das nossas mulheres mais velhas como significativas e, através do acesso a uma pluralidade de narrativas, constituir novos laços sociais.

⁹ A referência a uma pedra-chave nesse texto tem duas dimensões. Uma dimensão estética e uma dimensão funcional. A dimensão estética pode ser percebida no modo como as histórias dos homens servem ao propósito de exaltá-los, tornando-os heróis. A segunda dimensão é a função operacional. A pedra-chave da historicidade masculina é usada para dar sustento e equilíbrio ao modelo de mundo colonial.

¹⁰ Realizamos essa afirmação embasadas pelo último censo realizado no ano de 2022, o qual constatou que o Brasil possui, no momento atual, uma população maior de mulheres do que de homens; os dados apontam que 51,5% da população brasileira é composta por mulheres, enquanto 48,5% por homens.

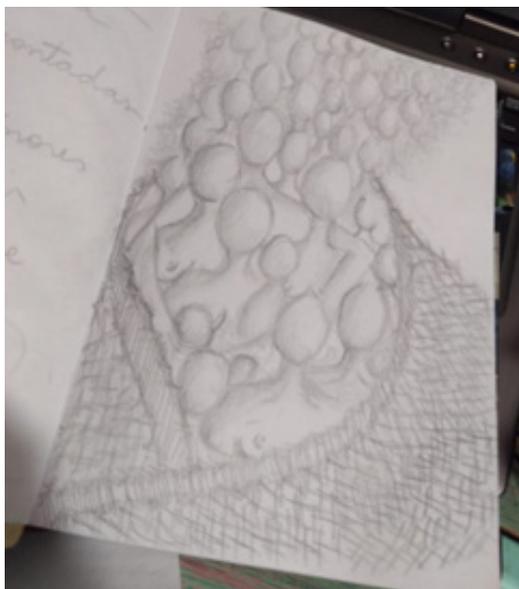
Buscando formas de curas coletivas, para as meninas-mulheres, através do estudo de história e por meio das Hhistórias contadas pelas mulheres

Afinal, para extrapolar ao momento presente e transformar toda a luta e resistência das mulheres em espaço de/para a vida, percebemos que a escola precisa desnudar¹¹-se de seus preconceitos e acolher, também, outras possibilidades de escrita da Hhistória. Rasg!¹² Uma escrevedura que rasgue as desconfianças para fazer uma fenda capaz de deixar entrAR o AR que irá agitaAR os fios das memórias ancestrais, conectando-nos, revelando, relatando o pouco que foi permitido, as mulheres, narrar. (Re)lembrARndo a Hhistória não contada, amplificando as vozes anoitecidas das mulheres que vieram antes de nós, nossas ancestrais. Relacionando as imagens impressas nas fotografias às Hhistórias contadas; as memórias daquelas com quem tivemos convivência e estão marcadas em nossas memórias; do acesso a objetos-memórias que pertenceram a “alguma das mulheres ancestrais sem nome” e deixaram neles marcas de suas passagens, objetos que se tornaram a Hhistória destes vultos efêmeros, impressas em peças (documentos-memórias) que foram sendo transmitidas de geração em geração e se expandem por meio de nós.

Imagina como a escola pode se tornar mais plural com a inclusão de outras vozes?

E, tal como a personagem Irene¹³, nesses resgates de Hhistórias diversas, estaremos (des)fazendo um delicado xale diante das/os alunas/os e convidando-as/os a observarem os fios se ajuntando dentro de uma cesta como um “montão de lã encrespada, recusando-

Ilustração 1 - Como tecer um xale que aconchegue todas as mulheres?



Fonte: Desenvolvida pela autora

¹¹ Marco a palavra AR dentro de outras palavras, em uma busca por fazer agitar essas palavras, refrescá-las, abalar sua constituição e seu sentido intrínseco. Talvez aqui, queira atender ao chamamento da Professora Luiza Christov, quando nos provocou a pensar que as palavras precisam ser escovadas, muito escovadas, fortemente escovadas, durante sua explanação no percurso trilhado pela Pós-graduação. “Escovar a palavra” até livrá-la de todos os seus excessos, dos anos de poeira acumulada, dando a ela um novo brilho.

¹² RASG! - rasgo (onomatopeia)

¹³ Irene é personagem do conto a Casa Tomada de Júlio Cortázar. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/dialogos-debate-conto-do-literato-argentino-julio-cortazar/texto-casa-tomada-de-julio-cortazar.pdf>

se a perder a forma de algumas horas antes"²⁴.

A ilustração acima foi realizada durante um encontro virtual com as "gurias" do "@No coração da agulha: coletivo de bordado livre e escuta", de Porto Alegre, no qual a escuta de suas falas me sensibilizou e contribuiu para muitas das reflexões que apresento neste trabalho, incluindo a do xale.

Compreendi, a partir da escuta delas, que a utilização da peça de vestuário xale seria fundamental, no sentido de ser uma peça feminina que abraça, protege, acolhe, aquece e produz pertencimento. E, para além disso, o xale esconde nossos mal-arrumados sob ele. Nos deixa apresentáveis ao mundo. Destecer o xale, portanto, é um sinal de estar disposta a deixar o lugar seguro, expondo-se.

E essa é uma narrativa que nunca escutamos enquanto estamos sendo educadas. Compreendo que essa omissão das narrativas femininas pela/na escola produz, nos corpos femininos, a sensação de estarem sendo constantemente desalojados da sua casa ancestral, em um processo de (des)lembrAR os laços que nos unem a todas as mulheres, que nos geraram em seus ventres, em suas mentes, em suas almas, em suas escritas (mesmo quando essas escritas estavam inscritas no e pelo corpo) e as condições que nos foram propiciadas; como fomos e ainda somos tratadas, educadas e (con)formadas a uma forma que não nos acolhe integralmente. Não nos permite movimentos. O modo como os corpos femininos na escola buscam por alARGar as estreitas da mente, da alma e do corpo, abrindo brechas para respirAR (e, se quisermos, também, pirAR, sem sermos chamadas de loucas), fissuras para brotAR em espaços outros que não aqueles que nos determinam. (Des)lembrAR o que esperavam que fizéssemos dentro de cada contexto temporal, o que nos foi (im)pedido (sem ser pedido), os limites que nos foram impostos, mas, acima de tudo, como ousamos e tentamos e lutamos para superá-los. Nem sempre conseguindo.

Recordo que durante uma conversa com as meninas-mulheres no contexto do Coletivo de bordado livre e escuta "@No coração da agulha" de Porto Alegre, uma das "gurias" (honrando um termo utilizado por elas) mencionou quanto o dançar foi um impeditivo por estar separada. "Não se podia dançar só". Lembrei-me que mamãe também dizia muito isso. E, para as duas, como deve ser para muitas outras mulheres, essa era causa de muita dor. Precisar estar sempre acompanhada por um homem para poder ir para a pista de dança para não ficar mal falada, ou então, como outra opção, poderiam dançar discretamente ao lado da mesa. A necessidade dessa presença masculina, como se só a feminina não bastasse.

Essa guria ainda continuou seu relato dizendo que essa noção do impedimento lhe veio a partir da leitura de *Tudo sobre o amor de bell Hooks* (2020), e foi refletida mais uma vez, enquanto assistia os shows transmitidos do Rock in Rio, em sua casa. Deu-lhe uma enorme vontade de dançar enquanto escutava uma balada mais lenta. Pensou em chamar o marido que havia adormecido, mas, *uma vozinha dentro de sua cabeça* lhe disse: Por que precisa dele? Ela levantou-se e se pôs a dançar sozinha pela sala. E

²⁴ Trecho do conto acima referido.

essa dança gerou outra, que deu vida a outra, até ir dormir cansada. Cansada, mas extremamente satisfeita consigo mesma. Talvez, nesse relato generoso esteja contida uma pista sobre o amor-próprio discutido por Bell Hooks (2020), no capítulo 4, de seu livro. Estar bem consigo mesma. *Bastar-se!*

Com esse relato quero provocar uma reflexão: Para as meninas-mulheres sobreviverem é preciso que elas tomem a palavra. Uma palavra que, para nós mulheres, se encontra articulada com a própria vida vivida, com as nossas realidades e as nossas experiências cotidianas. Portanto, palavras que estão inscritas no aqui e agora, que têm a ver com as lutas, as risadas, as brincadeiras, as contradições, as gARgalhadas, as danças, os tropeços, os amores (próprios?) e (des)amores e as dores, mas, também, com os choros, os desesperos, as lutas, as derrotas e as vitórias, a dor, a raiva e os sofrimentos; os adoecimentos e as curas que nos envolvem a todas. E contribui para pensar em possibilidades para nos (re)inventAR (mais uma vez e outra, se assim for necessário) sem negAR o passado, mas o saudando, acolhendo, agradecendo e reescrevendo a História, tal como uma brincante que acolhe em seu ventre uma nova-ancestral geração de mulheres que se unem em roda para brincAR.

Essa busca pela inclusão das Hhistórias das mulheres, na/pela escola e pela sociedade como um todo, portanto, diz a respeito de trazer a existência da experiência das vidas de mulheres que abrem espaço na varanda, para brincar de ciranda com outras meninas que estão se (re)descobrimdo. Assumindo um lugar educandeiro que demanda os poderes espirituais e materiais existentes nas mulheres, desde sempre, quando estas se colocam na relação consigo mesmas, com o mundo e com as outras mulheres.

Esse ensaio, portanto, objetiva buscar “as brechas que fissuram e desestabilizam a malha da colonialidade do poder hoje” (Segato, 2021, p.85), aflorando como uma resposta à crescente onda de violências diversas contra as mulheres, que podem ser físicas, verbais, psicológicas, sexuais, chegando ao seu ápice, o feminicídio. A nossa opção pela retomada da palavra deu-se por compreendermos a importância de expressar, por meio da diversidade de Hhistórias possíveis, nossos pensamentos e reflexões, discutindo, através do resgate de memórias e vivências femininas ancestrais, diferentes modos de constrangimento a que estão expostas as mulheres, desde a sua infância e como, se não cuidadas, podem ser motivos para a baixa autoestima, pouco ou nenhum amor-próprio, subserviência, sentimento de inferioridade, incapacidade, dúvidas em relação a si própria. Todos os sentimentos que, com o tempo, adoecem o organismo de forma direta ou indiretamente, quando a necessidade de cada vez mais medicamentos se torna emergente.

Desse modo, articulando os saberes apreendidos no diálogo constante proporcionado com a Pós-graduação Saberes Populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos, sendo nossa questão de estudo: *O que podemos fazer por nós mesmas, buscamos resgatar os fios encaracolados*²⁵ das nossas memórias ancestrais, do

²⁵ Que tem ondas, apresenta possibilidade para se enroscar em outros corpos. Que não tecem retas, mas que se arriscam a trafegar por outros caminhos.

feminino, e apontamentos histórico-culturais que possam tecer diálogos importantes nessa trama e que nos digam sobre a necessidade de uma ampliação do conteúdo de História ensinado pelas escolas de modo a fazer caber outros saberes.

A constituição desse conteúdo mais amplo nos parece interessante por apresentar espaço para os giros do/no AR, movimento nos/dos corpos; (res)pingos de (res)piração, suor e saliva, por incitarem o canto, o riso, o gargalhAR, o ofegAR, o escapAR, levantando a poeira acumulada por séculos de Histórias contadas e (des)contadas, escondidas, apagadas, anuladas, invisibilizadas, amplificando as vozes dessas mulheres que nos provocam a acordAR para outras possibilidades de mundo, caminhando para um “futuro que é ancestral”¹⁶.

Audre Lorde (2019, p. 46) irá nos dizer que existe um outro modo de olhar para a vida, nos afastando do

[...] modo europeu como apenas um problema a ser resolvido, confia[ndo] exclusivamente em nossas ideias para nos libertar, pois elas, segundo nos disseram os patriarcas brancos, são o que temos de valioso.

No entanto, quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de que a vida, como situação, deve ser experimentada e que devemos interagir com ela, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras.

Quando olhamos para a nossa vida com a generosidade de um olhAR ancestral, embasado por uma consciência orgânica que vê o presente de modo extenso, torna-se valioso o resgate dos espaços para a fofoca¹⁷, a prosa entre comadres, o sussurro dos segredos, o sonhar juntas e as trocas nas discussões emergentes para as mulheres: as violências sofridas em casa, no trabalho, no estudo, na rua; sobre quem as violenta; a falta

¹⁶ “Uma vez usei uma expressão na mídia que se espalhou por todo lado: o futuro é ancestral. Foi uma resposta que dei a uma pergunta sobre futuro. Foi uma prospecção, porque, na cultura do ocidente, o napa pensa que o futuro é um outro lugar. Não aqui, nem agora. O futuro é uma parábola sobre uma coisa que não existe. Ninguém pode vencer o amanhã, o amanhã não está à venda. Quando você cogita alguma coisa que não pode acontecer aqui e agora, só depois, você está fazendo um jogo, é um bingo: vamos ver se dá” (Krenak, 2022, s/p.).

¹⁷ Silvia Federici (2017, p. 200), em sua obra *O calibã e a Bruxa*, aponta para a origem da palavra fofoca em inglês: “nesse período [séculos XVI e XVII], a palavra gossip (fofoca), que significa “amiga”, passou a ganhar conotações depreciativas”. Em outro trecho exposto pela autora, a palavra amiga associada a palavra fofoca prejudica a relação entre as mulheres, tratando-as como degradante: “Foi também neste período que, como vimos, a palavra gossip [fofoca], que na Idade Média significava “amiga”, mudou de significado, adquirindo uma conotação depreciativa: mais um sinal do grau a que foram solapados o poder das mulheres e os laços comunitários.” (Ibid., p. 335). (Contribuição cedida pela pesquisadora Sofia Amorim, quando dialogamos sobre o significado que a palavra fofoca adquiriu na contemporaneidade). Para bell hooks (2020, p. 99) [...] a fofoca é uma forma de “interação social na qual elas (as mulheres) encontram conforto para dizer o que realmente pensam e sentem”. E ainda completa que, muitas vezes, primeiro a mulher irá assumir uma fala que imagina que irá agradar seu interlocutor, para em seguida, expressar os seus pensamentos. “Essa divisão entre um ‘eu’ falso inventado para agradar os outros e um ‘eu’ mais autêntico’ não existe quando cultivamos uma autoestima positiva” (hooks, 2020, p. 99).

de AR por não receber uma escuta atenciosa; as falas que são distorcidas e retorcidas; as sobrecargas (re)veladas e (des)veladas; o trabalho excessivo em casa; o cuidar dos mais velhos, dos filhos, netos, enteados e até dos homens infantilizados; “lazer”, o que é isso?, parece não ser um direito comum as mulheres terem um encontro/tempo consigo mesmas, entre outros muitos episódios que fazem parte do nosso cotidiano. Acontecimentos estes que, se não compartilhados, dialogados e resolvidos interna e externamente podem, com o tempo, ir causando adoecimentos ao nosso organismo.

Sobre os adoecimentos femininos é importante pontuarmos que eles possuem fontes e especificidades diversas dependendo dos contextos e da interseccionalidade com as questões referentes à identificação étnico-racial e sexual, ao contexto religioso, ao lugar social que ocupam, à idade cronológica. Mas, todos têm em comum a base ideológica que foi firmada e ainda continua atuando na contemporaneidade, a partir dos mecanismos de controle colonial-moderno, firmados em contexto europeu e depois impostos nas colônias, por meio da intensificação das demandas emergentes por parte do capitalismo.

Taívara Santos e Janine Moreira (2023, p. 3) afirmam que,

Esta crítica [sobre os adoecimentos femininos] parte do entendimento de que questões complexas de ordem existencial – aprendizagem, adoecimento, luto etc. – necessitam ser compreendidas a partir de sua complexidade, o que necessariamente inclui os aspectos relacionais humanos, as condições sociais, culturais, econômicas, políticas, espirituais e o biológico. Tais obras criticam o reducionismo biológico do ser humano, ao considerar suas dificuldades existenciais prioritariamente como disfunções biológicas, o que tem como correlato a administração de remédios (medicalização), muitas vezes, por toda sua vida. Este trabalho, ao se colocar contrário à lógica biologicista, usa o termo “loucura” no genérico e sofrimento psíquico ou existencial no específico para demarcar o entendimento de que este é produzido na integralidade de vida do sujeito em sociedade.

Os estudos decoloniais também fornecem subsídios para tal reflexão, uma vez questionarem os pressupostos epistemológicos ocidentais euro-centrados de compreensão científica, os quais invisibilizam epistemologias fora do eixo Europa Ocidental-Atlântico Norte, a saber, epistemologias situadas na América Latina, Ásia, África, Europa Oriental.

Autoras e pesquisadoras como Silvia Federici (2017) e Elisabeth Badinter (1985), entre muitas outras, irão colaborar no sentido de nos oferecer reflexões sobre o surgimento e

¹⁸ Simone de Beauvoir (1967), com sua abordagem feminista-materialista sobre a opressão a que está submetida a mulher irá derrubar a elaboração de um ideário sobre “ser mulher” como sendo “natural”. Nesse sentido a filósofa irá afirmar: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 9), referindo-se ao modo como esse indivíduo, em sua primeira condição, a biológica, como fêmea humana, é manipulada ideologicamente a uma conformação de seu corpo e de sua mente a uma sexualidade e a um gênero, através dos discursos culturais, religiosos, políticos e sociais dominantes. Para a pesquisadora Monique Wittig (2022, p. 32-33), as categorias, homem-mulher, irão ser explicadas a partir de discursos que dizem ser essa classificação “resultado de diferenças naturais” (Wittig, 2022, p. 32), tal como aponta Beauvoir. Mas, complementa, “Existe apenas o sexo que é oprimido e o sexo que oprime. É a opressão que cria o sexo e não ao contrário” (Ibid., p. 33). Assim, através de um modelo cartesiano moderno europeu, a mulher torna-se

estabelecimento de um modelo colonial-capitalista na Idade Moderna Europeia, se estendendo às colônias, e seu impacto sobre a contenção e a submissão do corpo e da mente da mulher a um papel pré-definido. Esse modelo colonial-moderno de “ser-mulher”²⁸, que perdura até os nossos dias por meio das práticas objetivas, e outras tantas subjetivas, se mantém orientando, cobrando, julgando, inferiorizando e criando um modelo competitivo entre as mulheres para as manter em uma posição de inferioridade, subordinada ao sexo masculino. Com isso, estamos apontando para um sujeito político dominante que criou as “regras de cidadania à sua imagem e semelhança ao longo da história colonial-moderna. [Este modelo] é homem, branco, alfabetizado, proprietário e *pater famílias*”²⁹ (Segato, 2021, p. 109). E todos os outros corpos que não atendem a este padrão veem-se relegados a um lugar de submissão.

Finalizando, mas não concluindo: uma proposta de História contadas pelas mulheres para pensar a educação

Essas práticas objetivas e subjetivas são fundamentais para a manutenção de um modelo ideológico e se perpetuam por meio da propagação de discursos em toda trama do tecido social produzindo, desse modo, pactos estruturais. Essa ideologia propagada, de inferiorização da mulher e submissão ao homem, gera distorções perceptivas de saber e de pensar, também, nas mulheres. Elas se apropriam desses discursos diante da contínua exposição a eles e da falta de contestações que se contraponham a essas falas.

Esses pactos estruturais, por serem históricos, sociais e culturais, possibilitam a naturalização de uma identidade coletiva do feminino, que sendo amplamente repetidas por meio das instituições jurídicas, econômicas, escolares, familiares, religiosas, políticas e midiáticas, conserva os homens como superiores e as mulheres em uma condição inferior. Nesse processo, as mídias, por meio da amplitude de acesso das redes sociais, têm se tornado, na contemporaneidade, uma ferramenta importante na estruturação, manutenção e perpetuação de um ideal machista, que apresenta como parte de uma “essência” feminina, ou através da reafirmação dos comportamentos moralmente aceitáveis, um ideal de mulher, de corpo, de trabalho, de roupa, de beleza, de comportamentos, entre outros. Ato que são realizados sem que tenhamos a percepção de que os estamos reproduzindo.

O modelo machista e patriarcal, que estrutura as relações da sociedade colonial

a “outra” que não o homem, o “segundo sexo”, uma “cidadã de segunda categoria”. Colocada em uma posição na qual pode ser constantemente discriminada e inferiorizada. Segundo o Wikipédia, uma cidadã de segunda classe, apesar de seu status como cidadã, com os direitos legais e os direitos civis assegurados, pode ter suas oportunidades sociais e econômicas restritas ou negligenciadas. Além disso, pode sofrer maus-tratos.

²⁹ Condição superior, quase absoluta, de domínio sobre a família e seu patrimônio, que pode ser estendido dependendo do cargo que ocupa. O poder que esse homem (normalmente, branco, cis, hetero, cristão) desempenha dentro do seu domínio compara-se a função de juiz, sacerdote e chefe. Sua palavra não deve ser contestada. No contexto do Brasil atual, entre os anos de 2018 a 2022, vemos a retomada desses discursos, por parte de homens (inclusive do governante/chefe da nação) que defendem a retomada do poder como uma bravata moral. Se auto intitulam defensores da família e dos “bons costumes”, falam em nome de Deus e legitimam o uso da violência como forma de exercer seu poder.

moderna concebeu um padrão a ser reproduzido, mas essa norma não permaneceria e se propagaria, nos dias atuais, se não tivesse um bom veículo de disseminação. Para além das mídias, essenciais a propagação e manutenção, nós mulheres, cuidadoras e educadoras cumprimos a tarefa de apreensão e transmissão desse imaginário para as próximas gerações, por meio de nossas ações cotidianas. Notem! Essas normas que norteiam as nossas práticas, nos foram transmitidas por meio de um modelo escolar, familiar e religioso que mantém as suas raízes firmemente fincadas em um modelo colonial-moderno e só poderão ser superadas se conseguirmos avançar com novas propostas para o modelo educacional.

Podemos apontar que existe uma constância no pensamento machista, e mesmo quando este é questionado, sofre poucas transformações pois ele está estruturado na formação básica da sociedade brasileira; torna-se uma regra, um modelo social a ser apreendido e sustentado por atos. Por isso, desde a infância nossos meninos aprendem que o homem tem que responder violência com violência, que homem não chora, que o homem manda, que o homem é forte, que o homem tem que ser o provedor da família sempre. E essas regras são repetidas, muitas vezes, de modo explícito e implícito, em nossas casas e escolas, em grande parte, por nós mulheres.

Poderíamos apontar que os indivíduos ao serem questionados dirão que se identificam com esses discursos, pois sempre foi feito assim, foi assim que aprenderam e a consequência é a de que eles os reproduzem sem questionar. Porém, segundo René Kaes (2014), só a identificação com um discurso não seria suficiente para a continuidade e a propagação destes. Segundo o psicanalista, para o estabelecimento dessas alianças inconscientes, que restringem a capacidade de pensar de um grupo, é necessário o estabelecimento de contratos narcísicos que dão ao sujeito estabilidade e segurança de pertencimento a uma determinada coletividade. Uma pactuação que permite a manutenção, a propagação e a perpetuação de um discurso ideológico.

Um discurso ideológico que, também, pode expressar o prazer na destruição do "outro", nesse caso, a mulher. Freud (1930), em *O mal-estar na civilização*, vai apontar para uma classe de pessoas que tem uma intensa e incomparável felicidade advinda da ânsia de poder e pelo desejo de destruir o outro. Temos acompanhado inúmeros exemplos diariamente, por meio das mídias, do ódio propagado por homens e o desejo de submeter e destruir as mulheres, um prazer de dominação que sentem em destruir o outro. E por serem uma manifestação de gozo, de um prazer sexual intenso, quase sempre suas consequências são as mortes violentas de mulheres, os feminicídios.

Temos que compreender que esse sistema pode operar de forma muito sorradeira para transformar e manter a mulher como submissa ao homem, por meio das bajulações e do uso de passagens bíblicas, avançar para práticas mais assertivas como a humilhação, a desmoralização, a manipulação, o constrangimento, entre outras técnicas de dominação para submeter as mulheres às suas vontades. Inclusive utilizando os assédios morais e sexuais como instrumentos de submissão. Em alguns casos extremos, quando não conseguem a efetiva submissão de suas vítimas, esses homens podem prosseguir com violências físicas diversas, chegando ao feminicídio. Mas os indivíduos que têm prazer na

dominação nunca estão sozinhos, seus discursos encontram ressonância estabelecendo redes, que se estendem para as áreas políticas, jurídicas, midiáticas, universitárias e até no governo, para juntos estabelecerem um pacto de ajuda mútua. E as mulheres continuam tendo dificuldades em articular suas redes de apoio, rodas de mulheres que possibilitem a articulação de mecanismos de defesa e, também, de investida contra a continuidade das ações violentas.

Os indivíduos que integram esse pacto²⁰ se organizam a fim de banalizar a violência, de modo a não gerar a culpabilização do agressor, visto que este agiu sob a demanda de um ato prazeroso, mas no sentido de condenar a própria vítima pela violência sofrida. Proferindo discursos tais como: ela pediu, deu motivo, a roupa que usava era curta demais, estava sozinha, deu mole, entre muitos outros, que povoam o imaginário e as falas coletivas a respeito das vítimas de violências.

Podemos também identificar a existência de outro pacto masculino, não firmado a partir do ódio ao feminino, mas como um acordo que tem como prioridade a manutenção dos interesses e privilégios dos homens, visto que estes sentem dificuldade em lidar com suas imperfeições e carências. Infelizmente, esse outro tipo de trato pode causar, igualmente, danos à saúde emocional, psíquica e física das mulheres, quando se sentem tolhidas, desconfortáveis, diminuídas e até desprezadas no convívio com os homens.

Diante do exposto só podemos apontar para os malefícios produzidos pelo machismo, sendo que estes males podem ser profundamente agravados pelas questões etárias, de sexualidade, raciais e sociais. Afinal, essa ideologia machista é mantida por meio dos discursos que servem “tanto para mascarar a realidade como para traduzi-la” (Greiner, 2010, p. 17). Segundo Christine Greiner, os discursos são “imprescindíveis para lidar com um nível de realidade não necessariamente visível” (Ibid.), podendo produzir distorções perceptivas de saber e pensar sobre as/nas mulheres.

Assim sendo, entendemos que o enfrentamento a essa ideologia patriarcal e machista deve vir por meio de uma construção de uma consciência coletiva feminista da elaboração de um sentimento de pertença feminina que as tornem responsáveis por seu potencial criador enquanto mulheres nas suas especificidades e distinções, ou seja, “na possibilidade da diferença não constituída como problema” (Segato, 2021, p.161).

Devemos apontar, nesse momento, que não buscamos com esse trabalho polarizar o poder nas mãos do feminino, mas, ao contrário, estabelecer uma maior circulação desse poder. Desejando com a proposta de ampliação dos conteúdos históricos de modo a fazer caber as Hhistórias, inclusive as cotidianas de mulheres, que podem trazer, à escola, o frescor da abertura para o encontro em práticas poéticas cotidianas de escuta e autocuidado, na formação de espaços generosos de acolhida e proteção mútuas. Lugares nos quais seja possível a menina-mulher baixar a guarda e descansar segura. Enfim, conteúdos de Hhistória que se apropriem de um fazer e de um viver mais coletivo.

²⁰ Aqui apontamos a presença também de mulheres na rede de sustentação desses pactos, seja por não compreenderem o sentido implícito na ação, ou por terem acesso a “privilégios”, sejam eles financeiros, empregatícios, entre outros, ao manifestarem esse apoio.

Referências

- AKRÃNTIKATÊGÊ, Kátia. DIAS, Andreza Costa. O futuro é ancestral: Como pisar suavemente na Terra. **Amazônia Latitude: a revista das humanidades ambientais**, 2022. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2022/07/30/o-futuro-e-ancestral-como-pisar-suavemente-na-terra/> Acesso em: 16/09/2022.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. - 2ª ed. - São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- CIDADÃO de Segunda classe. In: WIKIPÉDIA, Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidad%C3%A3o_de_segunda_classe#Refer%C3%Aancias. Acesso em: 13/08/2023.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol. XXI)
- GREINER, Greiner. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2021.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.
- KAËS, R. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- LE GUIN, Úrsula. **A ficção como cesta**: uma teoria. Título original: The Carrier Bag Theory of Fiction (1986). In: *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places* (1989). Ed. Grove Press. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araujo e Marcio Goldman. Disponível em: https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin. Acesso em: 15/03/2021.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. - 1ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SANTOS, Taímara Rodrigues dos; MOREIRA, Janine. "UM OLHAR DECOLONIAL PARA A LOUCURA": ESCRITOS AFRICANOS. **Captura Críptica**: direito, política, atualidade. Florianópolis, Pré-publicação, p. 1-16, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/anacl/Downloads/5695-Texto%20do%20artigo-21070-1-10-20230117.pdf>. Acesso em: 31/05/2024.

SEGATO, Rita L. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Editora Bazar do tempo, 2021.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.